

PARA ALÉM DO GUGGENHEIM, RUMO À ISLA CREATIVA: processos de transformações urbanas em Bilbao-Espanha

MÁS ALLÁ DEL GUGGENHEIM, RUMBO A LA ISLA CREATIVA: Procesos de transformaciones urbanas en Bilbao-España

BEYOND THE GUGGENHEIM, HEADING TOWARDS THE CREATIVE ISLAND: Processes of urban transformations in Bilbao-Spain

FREIRE COSTA, ANDREA VIRGÍNIA

Arquiteta e urbanista, mestre, doutoranda PPGAU/UFRN, E-mail: avfcosta@gmail.com

NASCIMENTO, JOSÉ CLEWTON DO

Arquiteto e urbanista, Doutor, docente PPGAU/UFRN, E-mail: jotaclewton@gmail.com

RESUMO

Este artigo discute como o conceito de cidade criativa vem sendo incorporado ao planejamento urbano de Bilbao, na Espanha, ao longo dos últimos vinte anos, enfocando sua trajetória histórica, intervenções no espaço urbano e os conflitos sociais emergentes desse processo. Entende-se que as cidades criativas são aquelas que consideram o uso da criatividade urbana como um elemento fundamental para alcançar o desenvolvimento sustentável e, por isso, nos planos de desenvolvimento local, irão buscar fortalecer os setores ligados à economia criativa, além de atuarem de forma cooperativa em rede internacional (Unesco, 2004; 2021). Para isso, foram considerados os estudos publicados pela *Asociación Bilbao Metropoli-30*, pela *Sociedad Bilbao Ria 2000* e relacionados ao Projeto Zorrotzaurre, focando nos discursos relacionados ao incremento da economia criativa e/ou que evidenciam o uso da arte, cultura e criatividade para o desenvolvimento urbano, social e econômico. Como resultados encontrados, verificou-se que, o uso da cultura no *Plan Estratégico para la Revitalización del Bilbao Metropolitano* (1992), foi intensificado e ampliado no Projeto Zorrotzaurre (2012) alinhando-o à ideia de cidade criativa. Desse modo, aponta-se que Bilbao caminha para um novo momento de regeneração urbana, marcado, por um lado, pelo fortalecimento das indústrias criativas e pela apropriação de valores locais intangíveis pelo mercado; e, por outro, pela possibilidade de disputa e construção do conceito de cidade criativa com a contribuição dos movimentos urbanos independentes, quer seja pela adoção de novas formas de governança urbana, quer seja pela serendipidade e imprevisibilidade urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: Bilbao; Zorrotzaurre; cidade criativa; empresariamento urbano; dinâmicas urbanas.

RESUMEN

Este artículo discute como el concepto de ciudad creativa se ha incorporado en la planificación urbana de Bilbao, España, durante los últimos veinte años, centrándose en la trayectoria histórica, las intervenciones en el espacio urbano y los conflictos sociales emergentes de este proceso. Se entiende que las ciudades creativas son aquellas que consideran el uso de la creatividad urbana como un elemento fundamental para lograr el desarrollo sostenible y, por lo tanto, en los planes de desarrollo local, buscarán fortalecer sectores vinculados a la economía creativa, así como actuar de manera cooperativa en una red internacional (Unesco, 2004; 2021). Con este propósito, se consideraron estudios publicados por la Asociación Bilbao Metropoli-30, por la Sociedad Bilbao Ria 2000 y relacionados con el Proyecto Zorrotzaurre, centrándose en discursos relacionados con el incremento de la economía creativa y/o que destacan el uso del arte, de la cultura y de la creatividad para el desarrollo urbano, social y económico. En cuanto a los resultados encontrados, se ha verificado que el uso de la cultura en el Plan Estratégico para la Revitalización del Bilbao Metropolitano (1992) se intensificó y se amplió en el Proyecto Zorrotzaurre (2012), alineándolo con la idea de la ciudad creativa. Así, se señala que Bilbao avanza hacia un nuevo momento de regeneración urbana, marcado, por un lado, por el fortalecimiento de las industrias creativas y por la apropiación de valores locales intangibles por parte del mercado; y, por otro lado, por la posibilidad de disputa y construcción del concepto de ciudad creativa con la contribución de movimientos urbanos independientes, ya sea a través de la adopción de nuevas formas de gobernanza urbana, o a través de la serendipia urbana e imprevisibilidad.

PALAVRAS-CHAVE: Bilbao; Zorrotzaurre; ciudad creativa; emprendedurismo urbano; dinámicas urbanas.

ABSTRACT

This article discusses how the concept of the creative city has been incorporated into the urban planning of Bilbao, Spain, over the past twenty years, focusing on its historical trajectory, interventions in urban space, and the emerging social conflicts of this process. It is understood that creative cities are those that consider the use of urban creativity as a fundamental element to achieve sustainable development and, therefore, in local development plans, they will seek to increase sectors linked to the creative economy, as well as to act cooperatively in an international network (Unesco, 2004; 2021). For this purpose, studies published by the Bilbao Metropoli-30 Association, by the Society Bilbao Ria 2000, and related to the Zorrotzaurre Project were considered, focusing on discourses related to strengthening the creative economy and/or that highlight the use of art, culture, and creativity for urban, social, and economic development. As for the results found, it is verified that the use of culture in the Strategic Plan for the Revitalization of Metropolitan Bilbao (1992) was intensified and expanded in the Zorrotzaurre Project (2012), aligning it with the idea of the creative city. Thus, it is pointed out that Bilbao is moving towards a new moment of urban regeneration, marked, on the one hand, by the strengthening of creative industries and the appropriation of intangible local values by the market; and, on the other hand, by the possibility of dispute and construction of the concept of the

creative city with the contribution of independent urban movements, either through the adoption of new forms of urban governance, or through urban serendipity and unpredictability.

PALAVRAS-CHAVE: Bilbao; Zorrotzaurre; creative city; urban entrepreneurship; urban dynamics.

Recebido em: 19/12/2023

Aceito em: 17/08/2024

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Bilbao, capital da província de Bizkaia, na Espanha, tem cerca de 350 mil habitantes, sendo a 10ª cidade espanhola mais populosa (Zhujimundo, 2023). Situa-se na *ría*¹ do Rio Nervion, tendo sido sua localização fundamental para o intenso desenvolvimento industrial ocorrido no final do século XIX. Suas margens eram ocupadas por estaleiros, indústrias siderúrgicas, químicas e de transformação, ligadas à exploração do minério de ferro e do aço. Além das atividades extrativa e industrial, Bilbao consolidou-se como sede de diversas instituições financeiras provinciais e nacionais (Otaola, 2012; Reis, 2011).

Entretanto, a partir da década de 1970, essa infraestrutura começou a ser abandonada e entrar em declínio (Bonates, 2009; Reis, 2011), em função do processo de desindustrialização que ocorreu em diversas cidades de capitalismo avançado, na Europa e América do Norte (Harvey, 1996). A solução para isso, assim como também ocorreu em outros locais, foi a adoção do planejamento estratégico (Bonates, 2009; Martín Morato e Gomez de la Iglesia, 2010), modelo que se insere na lógica do “empresariamento urbano” (Harvey, 2014), com a cultura sendo colocada como instrumento para o desenvolvimento social, econômico e/ou urbano e assim usada para justificar os projetos urbanos mais variados (Arantes, 2002).

Nos últimos trinta anos, esse uso da cultura na cidade foi sendo atualizado, ampliado e intensificado com as perspectivas enunciadas pelos conceitos de cidade criativa (Landry e Bianchini, 1995) e economia criativa² (Howkins, 2011). Esses termos estabeleceram relação direta com os setores produtivos que usam a criatividade para gerar valor econômico e contribuíram para o entendimento daquilo que deve ser usado como forma de promover o desenvolvimento urbano: assim, passou-se a abranger não só os elementos culturais, mas também os recursos criativos da cidade (Vivant, 2012).

Apesar de não ter um conceito delimitado, pode-se dizer que cidade criativa refere-se aos aspectos e elementos criativos da cidade, colocados como recursos importantes para o desenvolvimento urbano (Landry e Bianchini, 1995; Reis, 2011). Em obras mais recentes, Landry aproximou-se de uma definição:

Um lugar criativo é onde as pessoas podem expressar seus talentos e potencial os quais são aproveitados, explorados e promovidos para o bem comum [...]. O ambiente físico funciona bem para seus moradores, é fácil circular e se conectar com os outros. Seu alto nível de *design* urbano inspira, estimula e gera orgulho e afeto. As arquiteturas, velha e nova, se mesclam, e o padrão das ruas é diverso e interessante. É um ambiente nos quais os criadores de todos os tipos e áreas são motivados a criar e onde há pontos de vendas e canais para explorar inovações ou para vender seu trabalho. É um mercado natural, onde pessoas trocam ideias, desenvolvem projetos em parceria, vendem seus produtos, ou trabalham nas indústrias avançadas. Isso é comunicado tanto no contexto interno quanto externo e a mídia é responsável e motivada pelas perspectivas da cidade (Landry, 2012, p. 16, tradução nossa).

Inicialmente, o termo ‘cidade criativa’ foi recebido por críticas severas no meio acadêmico (Peck, 2005; Scott, 2006), mas incorporado com entusiasmo pelos gestores urbanos e agências governamentais, tendo em vista a possibilidade de articular planejamento urbano, cultura, entretenimento e turismo (Couto, 2023). Sendo assim, essa concepção encontra-se em circulação há mais de duas décadas (Pratt, 2017; Vivant, 2012), sendo adotada em planejamentos urbanos em diversos locais do mundo, notadamente no continente europeu: “A reabilitação urbana de base cultural tornou-se regra na Europa, legitimada pelo conceito de cidade criativa” (Miles, 2012, p. 09, tradução nossa). Por isso, se em um primeiro momento, do ponto de vista teórico, foi criticado e considerado apenas uma nova forma de empresariamento urbano, foi dando forma a um campo de estudos da economia cultural e criativa, sendo pesquisado em departamentos universitários e centros de pesquisa, que instituíram programas de graduação e pós-graduação na área (Pratt, 2017).

Contudo, ainda é um conceito em construção. Neste artigo, será adotada a concepção da UNESCO, que considera que cidades criativas são aquelas que:

São lugares onde a cultura, a arte, as indústrias culturais e criativas, a multiplicidade de manifestações e a imaginação afloram e contribuem para o desenvolvimento urbano e o crescimento inclusivo. [...] uma variedade de agentes – públicos e privados – dessas cidades criativas tomam medidas para possibilitar que as indústrias culturais e criativas tragam

benefícios para o espaço urbano, para a economia e para o desenvolvimento social (Unesco, 2021, p. 08, tradução nossa).

Isso posto, este estudo tem por objetivo discutir como o conceito de cidade criativa vem sendo incorporado ao planejamento urbano de Bilbao ao longo dos últimos vinte anos, enfocando sua trajetória histórica, intervenções no espaço urbano e os conflitos sociais emergentes desse processo. Para isso, foram considerados os estudos publicados pela *Asociación Bilbao Metropoli-30*, as ações desenvolvidas pela *Sociedad Bilbao Ria 2000* e mais recentemente, a atuação da entidade municipal *Bilbao Ekinza*, focando no Projeto Zorrotzaurre³ e na atuação de movimentos sociais durante sua elaboração. Desse modo, o texto encontra-se dividido, além dessa introdução, em três partes: na primeira, apresenta-se o contexto e as intervenções feitas em Bilbao, decorrentes do *Plan Estratégico para la Revitalización del Bilbao Metropolitano* (1992), especialmente as 25 ações executadas nas regiões de Abandoibarra, Barakaldo, Ametzola, Basurto/San Mamés, La Vieja y Olabeaga. Em seguida, é explorada a incorporação do discurso de cidade criativa aos documentos oficiais, incluindo o contexto que levou Bilbao a ser considerada Cidade Criativa do Design pela Unesco, em 2014. Depois discute-se o Projeto Zorrotzaurre (2012), considerando a caracterização da área, um breve histórico da sua elaboração, as tensões emergentes no processo do desenvolvimento do *Master Plan* e seu resultado final. Por fim, nas considerações finais, aponta-se como o uso da cultura, presente desde o seu primeiro plano estratégico, foi ao mesmo tempo se intensificando e se ampliando, até chegar no Projeto Zorrotzaurre, vinte anos depois, materializando à ideia de cidade criativa e as contradições inerentes ao conceito, surgidas a partir das dinâmicas urbanas.

2 PARA ALÉM DO GUGGENHEIM

Como dito, Bilbao consolidou-se como um forte polo extrativista e industrial e também como sede de diversas instituições financeiras provinciais e nacionais, mas a cidade entrou em crise com a desindustrialização iniciada na década de 1970 (Bonates, 2009; Martín Morato e Gomez de la Iglesia, 2010; Reis, 2011). Além desse esvaziamento, sua estrutura física sofreu os resultados da degradação ambiental do seu passado industrial e foi abalada por uma enchente em 1983, tendo sido considerada zona de calamidade (Reis, 2011; Martín Morato e Gomez de la Iglesia, 2010). Quanto à mobilidade urbana, havia dificuldade de acesso a diversos bairros, bem como à região metropolitana (Martín Morato e Gomez de la Iglesia, 2010). Por fim, do ponto de vista imagético, Bilbao era marcada pela presença do grupo separatista ETA e de suas ações violentas (Bonates, 2009; Reis, 2011). Assim:

Bilbao era, no início dos anos 1980, uma cidade escura, reflexo da alta contaminação ambiental que tinha vivenciado durante décadas. [...] Era a imagem de uma cidade decadente, na qual inclusive o orgulho bilbaíno tradicional dos cidadãos estava abalado (Martín Morato & Gomez de la Iglesia, 2010, p. 205, tradução nossa).

Constatada a crise urbana pela administração pública de Bilbao, buscou-se uma solução para ela. Assim, em 1991 foi fundada a *Bilbao Metropoli-30* (*Asociación para la Revitalización del Bilbao Metropolitano*), instituição que, a partir de então, foi responsável por pensar e traçar os rumos da região metropolitana de Bilbao. Essa associação público-privada sem fins lucrativos tem como seus sócios instituições tão diversas como o *Ayuntamiento⁴ de Bilbao* e o *Gobierno Vasco* (sócios fundadores); *Parque Tecnológico y Científico de Bizkaia*, *SPRI – Agencia Vasca de Desarrollo Empresarial e ayuntamientos* (sócios ordinários); e a *Fundación BBVA* e consulados de diversos países (sócios colaboradores). Tem como finalidade promover ações de planejamento, promoção e estudo visando a revitalização da região metropolitana de Bilbao. Para isso, se propôs a: fazer uma abordagem estratégica a longo prazo da área; melhorar a imagem interna e externa de Bilbao Metropolitano; aprofundar o conhecimento sobre a região; promover a cooperação entre os setores público e privado, inclusive atraindo mais atores (*Bilbao Metropoli-30*, 2023).

A primeira produção dessa associação, o *Plan Estratégico para la Revitalización del Bilbao Metropolitano*, de 1992, foi um passo fundamental para o processo de transformação urbana de Bilbao. Ele estava dividido em quatro fases: organização e exploração do entorno e identificação de temas críticos; análise interno-externo: detecção das oportunidades, ameaças, fortalezas e debilidades do entorno; fixação de metas, objetivos e desenvolvimento de estratégias; plano de ação e implantação (*Bilbao Metropoli-30*, 1992). Por sua vez, essa última etapa contemplou projetos que envolviam sete eixos: 1. Investimento em recursos humanos, como a criação de uma escola internacional de negócios; 2. Criação de uma metrópole de serviços, com a implantação de infraestrutura de telecomunicações; 3. Estruturação de rede de mobilidade urbana; 4. Regeneração ambiental, por meio da gestão de resíduos e despoluição do Rio Nerviön; 5. Regeneração urbana, focando na região de Abandoibarra; 6. Estabelecimento de uma centralidade cultural, com foco no Museu Guggenheim; 7. Articulação entre os setores público e privado. Ao final, o documento chamou a atenção para a necessidade de também executar ações sociais (*Bilbao Metropoli-30*, 1992).

As intervenções no espaço urbano foram operacionalizadas pela *Bilbao Ria 2000*, sociedade anônima de capital público, sem fins lucrativos, criada em 1992, constituída pelo governo nacional espanhol, por meio de instituições subordinadas a ele (por exemplo, a *Autoridad Portuaria de Bilbao*) e pela administração basca (como o *Ayuntamiento de Bilbao*) (*Bilbao Ria 2000*, 2023). O objetivo dessa sociedade é coordenar “a recuperação dos antigos espaços industriais da cidade”, visando “a transformação da área metropolitana de Bilbao”, integrando ações de “urbanismo, transporte e meio ambiente” (*Bilbao Ria 2000*, 2023). Ou seja, constituíram-se parcerias público privadas em duas frentes: a *Bilbao Metropoli-30*, responsável pela análise, estudo e proposição de planejamento urbano; e a *Bilbao Ria 2000*, que operacionalizou as ações planejadas, seja com a execução de projetos ou com a gestão/comercialização dos empreendimentos: “*Metropoli-30* pensa e *Bilbao Ría 2000* age” (Landry, 2006, p. 373).

Assim, a primeira ação empreendida foi a elaboração de um planejamento urbano, voltado para a regeneração⁵ urbana das áreas degradadas, agora esvaziadas, o que foi considerado imprescindível para a recuperação econômica de Bilbao. Em segundo lugar, foram contemplados grandes projetos de infraestrutura urbana, seja na área de transportes (metrô, aeroporto, trem e porto), seja na área de saneamento, cultura, lazer e de turismo. Por fim, a gestão foi feita de modo articulado entre as instâncias locais e nacionais de governo, bem como em cooperação entre os setores público e privado (Bonates, 2009; Reis, 2011).

Desse modo, no final do século XX, a cidade começou a passar por uma transformação urbana, principalmente na região de Abandoibarra, da qual o Museu Guggenheim, projeto do renomado arquiteto Frank Gehry, é um grande ícone. Contudo, cabe destacar que o que ocorreu em Bilbao vai para muito além do Guggenheim (Bonates, 2009): pode ser visto como um marco da reorientação das políticas urbanas, com uma nova agenda urbana e com uma nova forma de gerir a cidade (Vicario Martínez e Rodríguez Alvarez, 2005), a ponto de ter se tornado uma referência, o chamado “efeito Bilbao” (Bonates, 2009; Vivant, 2012).

Figura 01 – Mapa de Bilbao, com destaque para o Museu Guggenheim (em amarelo) e para Zorrotzaurre (em verde).



Fonte: Ayuntamiento de Bilbao, 2018⁶, modificado pelos autores.

Cabe destacar as ações de intervenção no espaço urbano: os projetos urbanos distribuídos nas áreas de Abandoibarra, Barakaldo, Ametzola, Basurto/San Mamés, La Vieja e Olabeaga, somando 25 ações de sucesso (Bonates, 2009; Martín Morato e Gomez de la Iglesia, 2010), aqui classificados da seguinte forma:

- **Requalificação de construções históricas/construção de novas edificações:** reabilitação do Centro Histórico; recuperação de velhas pontes e edificação de novas, conectando a cidade; criação

do Museu Guggenheim Bilbao (projeto de Frank Gehry); constituição de novos museus e instituições de arte (como Palácio Euskalduna e Alhóndiga); requalificação de Abandoibarra; instalação de novos hotéis; desenvolvimento do projeto de Bilbao La Vieja; recuperação da arquitetura tradicional; criação da arquitetura de uma nova Bilbao (por exemplo, as torres de Arata Isozaki);

- **Infraestrutura urbana:** construção de novo aeroporto (projeto de Santiago Calatrava); ampliação do porto “Abra Exterior”; liberação do antigo porto e qualificação dos espaços industriais ao longo da *ría*; saneamento e operação de recuperação ambiental da *ría*; renovação e inovação dos espaços públicos em frente à *ría*; construção das estações de metrô (projeto de Norman Foster); transformação do *ensanche*; eliminação das barreiras ferroviárias; instalação de novo VLT (*tranvía*); implantação de infraestrutura de telecomunicações;
- **Gestão e planejamento/investimentos em aspectos intangíveis:** fundação da *Bilbao Ría 2000*; criação do Parque Tecnológico de Bilbao; implementação de microespaços para a integração social, desenvolvendo a vida nos bairros; instalações de arte na cidade; articulação com cidades da região metropolitana; investimento na economia do conhecimento (Projeto Zorrotzaurre, como *Knowledge District*).

Essas ações foram finalizadas ou estão em execução e possibilitaram a transformação de Bilbao, de uma cidade com imagem de crise, declínio e caos, para uma cidade relacionada a turismo, arte, beleza e desenvolvimento urbano e social (Reis, 2011; Vicario Martínez e Rodríguez Alvarez, 2005). O plano estratégico de Bilbao, além de focar nas condições físicas fundamentais, teve também como pilares a atratividade urbana, qualidade de vida e os valores culturais da área metropolitana (Landry, 2006).

Esse processo de transformação urbana de Bilbao continua em curso, agora sendo viabilizada pelo Projeto Zorrotzaurre, em andamento. Desde o *Plan General de Ordenación Urbana de Bilbao*, aprovado em 1995, o uso da área foi alterado de industrial para residencial, e houve a previsão da elaboração de um plano especial que contemplasse o desenho urbano de Zorrotzaurre. Este foi então concebido pela reconhecida arquiteta Zaha Hadid em 2004 e revisado em 2007, sendo “um projeto de regeneração que transformará uma antiga península industrial em uma ilha dinâmica e inovadora [...], gerando novos e vibrantes espaços para a convivência, a criação, o ócio e os negócios” (*Bilbao Ektinza*, 2023, tradução nossa).

Na nova economia, chamada do conhecimento ou criativa, além das cidades precisarem atrair as empresas, elas precisam atrair a classe criativa⁷ (Vicario Martínez e Rodríguez Alvarez, 2005; Landry, 2006). Assim,

Trata-se, então, de “reinventar” Bilbao mais uma vez, de dar o salto até a ‘cidade criativa’. Para isto, é necessário colocar em marcha novas iniciativas e projetos estratégicos, alguns dos quais devem orientar-se para a criação de espaços urbanos concretos, ‘áreas singulares’, destinados a abrigar as atividades e pessoas vinculadas à economia criativa” (Vicario Martínez e Rodríguez Alvarez, 2005, p. 276-277, tradução nossa).

Desse modo, “assim começou a segunda regeneração urbana que levaria Bilbao a definir as bases para o desenvolvimento da nova economia criativa” (Garrido Díez, 2018, p. 05, tradução nossa), em que “por um lado, dá continuidade ao que foi realizado e, por outro, aparecem novos projetos, cujo maior exemplo é a regeneração urbana de Zorrotzaurre” (Otaola, 2018, p. 02, tradução nossa). No Projeto Zorrotzaurre, houve a valorização de aspectos como inovação, economia do conhecimento e uso residencial (Vicario Martínez e Rodríguez Alvarez, 2005), fazendo com que a região materializasse a ideia de cidade criativa.

3 BILBAO, CIDADE CRIATIVA DO DESIGN

Desde 2014, a cidade de Bilbao é integrante da Rede de Cidades Criativas da Unesco (RCCU), na categoria *Design* (Unesco, 2014). Esta rede foi criada em 2004, sendo derivada da Aliança Global para a Diversidade Cultural, de 2002, tendo como foco o desenvolvimento das indústrias criativas, por meio da articulação entre os setores público, privado e a sociedade civil (*Ministerio...*, 2023), e sendo uma das estratégias da Unesco para a execução da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030. A rede tem por missão:

[...] fortalecer a cooperação com e entre as cidades que reconhecem a criatividade tanto como fator estratégico de desenvolvimento sustentável quanto de respeito aos aspectos econômico, social, cultural e ambiental. Ao ingressar na rede, as cidades se comprometem a compartilhar as melhores práticas, desenvolver parcerias e **promoverem a criatividade e as indústrias culturais**, fortalecendo a participação na vida cultural e **integrando a cultura nos planos de desenvolvimento urbano** (UNESCO, 2004, p. 01, tradução e grifo dos autores).

Atualmente, a RCCU é composta por 295 cidades, que se candidataram espontaneamente a integrar a rede, dentro de uma das sete áreas criativas por ela definidas: artesanato e arte folclórica, *design*, cinema,

gastronomia, literatura, mídia e música (Unesco, 2023). O benefício é simbólico (ter a chancela da Unesco), bem como viabiliza ações em rede, não havendo até o momento ganhos financeiros diretos (Unesco, 2021).

A candidatura de uma cidade prescinde da conjugação de esforços de entes públicos e privados, bem como de representantes da sociedade civil na área criativa pretendida. No caso de Bilbao, a inscrição foi apresentada em janeiro de 2013 e sua articulação ficou a cargo da *Bilbao Ekintza*, uma entidade municipal responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade; e pelo *Bilbao Bizkaia Design & Creativity Council* (BiDC), além do *Ayuntamiento de Bilbao* e da *Diputación Foral de Bizkaia*. Apoiaram a candidatura mais de duzentas entidades e empresas ligadas ao setor criativo (*Bizkaia Beaz*, 2014). Ao se inscrever, Bilbao, como deve fazer todas as cidades candidatas, indicou que suas contribuições à rede seriam:

- Promoção de políticas urbanas orientadas pelo *design*;
- Integração de objetivos relacionados às indústrias culturais e criativas em seus planos locais de desenvolvimento; elaboração de programas educacionais;
- Receber eventos internacionais de *design*; organização e participação em eventos internacionais; e
- Cooperação com outros membros da RCCU (projetos piloto, estudos e reuniões) (UNESCO, 2014, tradução dos autores).

Nos sítios institucionais, que visam divulgar Bilbao como cidade criativa, destaca-se o processo de regeneração urbana executado na cidade, no qual o *design* ocupou um lugar central, bem como abordam que, em paralelo a isso, houve a implantação de uma estratégia econômica que começou “a transformar Bilbao em uma cidade de serviços onde cultura e criatividade tem um papel significativo” (Unesco, 2014, tradução nossa). Chama-se atenção para a “longa tradição em relação à vida cultural” e que “esforços significativos tem sido feitos para a criação de políticas e programas de apoio, novas infraestruturas e eventos contemporâneos” (*Cities...*, 2023, tradução nossa). Assim, Bilbao teria se tornado uma referência em arquitetura, *design*, novas tecnologias, moda, audiovisual, videogames e artesanato, que a tornaram “uma cidade vibrante e dinâmica, com importantes equipamentos culturais contribuindo para a economia, no que tange à criação de riqueza, emprego e bem-estar social” (Unesco, 2014, tradução nossa).

Entretanto, a candidatura e consequente aprovação de Bilbao como cidade criativa foi resultante de um processo iniciado anos antes, nos quais a *Bilbao Metropoli-30* teve um papel fundamental e ao qual o Projeto Zorrotzurre está alinhado. Assim, serão abordados, de forma sintética, os seguidos planos e estudos desenvolvidos e/ou contratados pela *Bilbao Metropoli-30* e *Bilbao Ekintza*.

Em 1999, a *Bilbao Metropoli-30* fez uma análise do *Plan General de Ordenación Urbana de Bilbao*, intitulada *Bilbao 2010 – Reflexión estratégica*, em que declarou que Bilbao entrou em uma nova era, na qual seria necessário estabelecer uma nova estratégia (*Bilbao Metropoli-30*, 1999), tendo apresentado como frase de efeito: “*Bring your dreams to Bilbao. Podemos hacerlos realidad*”⁸ (*Bilbao Metropoli-30*, 1999, p. 14). O documento apontou cinco eixos estratégicos: liderança, pessoas, conhecimento e inovação, *networking* e qualidade de vida, bem como elencou aspectos fundamentais de suporte a esses eixos. Dentre eles, cabe destacar:

[...] deve-se potencializar o processo de regeneração urbana iniciada nos últimos tempos como outro aspecto fundamental e voltado ao futuro. Um novo impulso que incremente o crescimento inteligente, baseado em soluções inovadoras com visão integral e de futuro, favoreça novas atividades econômicas, tenha em conta uma vertente social e integradora de todos os cidadãos e facilite e incentive a fixação no local de profissionais qualificados (*Bilbao Metropoli-30*, 1999, p. 35-36, tradução nossa).

Dois anos depois, foi publicado o *Plano Bilbao 2010: La estrategia* (2001), em que foram destacados cinco aspectos a serem fomentados, baseados no documento anterior: liderança ativa e comprometida; as pessoas e seus valores; conhecimento e inovação, *networking* e uma metrópole atrativa. Para fomentar o conhecimento e inovação na cidade, o documento destacou a importância desse aspecto ser trabalhado na dimensão urbana, isto é: deveria existir um local dentro da metrópole, integrado à cidade, com boa infraestrutura de comunicações, de modo a passar a ideia de uma cidade atrativa e voltada para o futuro (*Bilbao Metropoli-30*, 2001). Para implantar isso, seria preciso um espaço urbano disponível, amplo o bastante, sendo sugerida a área de Zorrotzurre, como “uma área adequada para a construção desta ‘cidade da inovação e do conhecimento’” (*Bilbao Metropoli-30*, 2001, p. 34). Assim, ao mesmo tempo em que proporcionaria a regeneração de uma zona industrial desativada, possibilitaria a instalação de novas empresas do conhecimento e tornaria a área um eixo estruturador da cidade.

O documento norteador que veio em seguida, elaborado pela *Bilbao Metropoli-30* será o texto *Ahora las personas* (2005), que elegeu como valores de desenvolvimento urbano: inovação, profissionalismo,

comunidade, identidade, abertura ao exterior. Explicitou-se que nos anos seguintes, a prioridade para a associação não seria mais a criação de infraestruturas e sim o desenvolvimento de outros elementos intangíveis, pois “Estamos em um ponto de mudança, de sociedade industrial para sociedade de valores” (*Bilbao Metropoli-30*, 2005, p. 07, tradução nossa). Nessa perspectiva, os esforços seriam voltados para realizar a difusão desses valores, a identificação de líderes que pudessem capitanear o caminho à era do conhecimento, bem como de posicionamento de Bilbao no cenário internacional (*Bilbao Metropoli-30*, 2005).

Em 2009 foi publicado o ‘*Estudio sobre el potencial de las Industrias creativas en Bilbao*’ (2009), produzido pela *Bilbao Ekintza*. Tinha por objetivo “obter a informação necessária para liderar, junto a outros agentes institucionais e econômicos, um projeto integral de promoção do setor das indústrias criativas em Bilbao” (*Bilbao Lan Ekintza*, 2009). Foram mapeados os setores criativos da cidade, quanto à localização, quantidade e tipos de atividades criativas, além de ter sido desenvolvida uma análise de cenário a partir da matriz SWAT (que identifica fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças). A partir desse diagnóstico, foram estabelecidas sete linhas estratégicas⁹ para fomentar o setor criativo em Bilbao (*Bilbao Lan Ekintza*, 2009), das quais cabe destacar a sexta, ‘Distritos criativos’. Esses locais deveriam surgir da requalificação de novos espaços urbanos e visariam atrair as pessoas criativas. Além disso, esses distritos demandariam uma nova forma de governança urbana e a facilitação de conexões da cadeia produtiva criativa. Dentre as ações a serem empreendidas, o documento listou: “**designar espaços na cidade, que vão ser objeto de reabilitação e revitalização urbana, para abrigar empresas do setor das indústrias criativas**; consolidar as empresas nas áreas de maior concentração de indústrias criativas; promover os valores de comunidade e associativos” (*Bilbao Lan Ekintza*, 2009, p. 68, tradução nossa, grifo nosso).

No ano seguinte, foi publicado o *Índice de creatividad en Bilbao & Bizkaia* (2010), contratado pela *Bilbao Ekintza* e *Bilbao Metropoli-30* e elaborado por Charles Landry. Nessa publicação, a partir de Bilbao, ele desenvolveu uma metodologia para mensurar a criatividade urbana. O estudo apontou que poucos edifícios históricos foram recuperados para serem ocupados por indústrias, como as do setor criativo, o que teria causado a sensação de apagamento do passado industrial de Bilbao; mas destacou o potencial de Zorrotzaurre para resgatar e manter essa história. Quanto à preocupação ambiental, ressaltou que ela ainda não está evidente em Bilbao e Bizkaia. Por fim, tratou da importância de atrair os talentos (a classe criativa), pois, para ele:

O paradigma global do desenvolvimento urbano mudou, saindo do enfoque da engenharia ou infraestruturas urbanas para **a criação de uma cidade criativa**. É a arte de criar lugares para as pessoas, incluindo conexões entre pessoas e lugares, movimento e forma urbana, natureza e o tecido urbano, e processos de construção de moradias de sucesso (Landry, 2010, p. 71, tradução e grifo dos autores).

Essa concepção, alinhada ao conceito de cidade criativa, apareceu no plano *Bilbao Metropolitano 2030* (2011), que irá fazer referência direta a esse estudo:

Em um mundo cada vez mais competitivo, o **Bilbao Metropolitano deve ser necessariamente criativo** para promover sua prosperidade e bem-estar [...]. Como apontava Charles Landry: [...] o conhecido espírito empreendedor [de *Bilbao Metropolitano*] está debilitando-se e **sua maior aposta deve ser a necessidade de fomentar a criatividade**, a engenhosidade e o impacto estratégico, entre outros, no sistema educacional, **no desenvolvimento das indústrias criativas** e no marco institucional e na inovação social (*Bilbao Metropolitano-30*, 2011, p. 63-64, tradução e grifos dos autores).

O documento também apontou a necessidade de “um novo impulso renovador e modernizador”, “um projeto que signifique uma mudança radical de tendências” (*Bilbao Metropolitano-30*, 2011, p. 65). Para sua execução, indicou três eixos: econômico industrial; industrial tecnológico e sócio-econômico (voltado para os profissionais). Essa linha foi seguida no plano *Bilbao Metropolitano 2035* (2016), que assinalou a necessidade do planejamento se estender a todo o território que é área de influência da cidade, e não apenas a Bilbao.

Outra publicação, *Bilbao/Bizkaia: a place of ambition* (2018) foi resultado de um projeto desenvolvido sobre os potenciais estratégicos de Bilbao e Bizkaia, com a colaboração de Charles Landry e do *Departamento de Desarrollo Económico y Territorial da Diputación Foral de Bizkaia*. Partiu de entrevistas e reuniões de trabalho com diversos agentes e instituições. Nele, se fez menção à região de Zorrotzaurre, ao afirmar que é preciso criar espaços inovadores, feitos para experimentação, ausentes em Bilbao e destacando o potencial dos usos diversificados de Zorrotzaurre para isso, mas que “eles provavelmente serão ofuscados pelo que vai se tornar uma área predominantemente residencial” (*Bilbao Metropoli-30*, 2018, p. 18, tradução nossa).

O último documento, *Bilbao Metropolitano 2035: una mirada para el futuro* (2019) condensou os resultados da aplicação da uma metodologia de análise de cenários, aplicadas em várias reuniões após a exposição de consultores externos, dentre eles Charles Landry, sobre temas diversos: empresa; governança e função

pública; e urbanismo, ordenação do território e infraestruturas sustentáveis. Zorrotzaurre apareceu como um dos cenários de futuro sustentável, exemplo de ação de expansão do tipo liderada e não participativa.

Percebe-se nesses documentos a incorporação dos elementos de cidade criativa aos planos estratégicos de Bilbao, suas revisões e outros estudos. Seja de forma claramente enunciada ou sugerida, Bilbao vai se desenhando como: lugar da realização de sonhos; cidade da inovação e do conhecimento; cidade que valoriza as pessoas; espaço onde se localizam as indústrias criativas; polo tecnológico do território; e cidade criativa. Em se tratando de Zorrotzaurre, vai se delineando paulatinamente que esse local deve ser o local por excelência do novo momento de regeneração urbana de Bilbao, não mais focado em grandes equipamentos ou infraestrutura urbana, no chamado *hardware*, mas em valores, ou aquilo que pode ser considerado como *software* (Landry, 2006): qualidade de vida urbana, atratividade para a classe criativa, sustentabilidade ambiental e conhecimento.

Nesse sentido, a concessão feita pela Unesco do selo de Cidade Criativa do *Design* consiste em mais uma de tantas estratégias para inserir e/ou manter Bilbao como cidade atrativa no sistema capitalista de acumulação flexível¹⁰. Por isso, o ente responsável pela gestão de Bilbao como Cidade Criativa do *Design* da Unesco, *Bilbao Ekintza*, apresenta entre suas atividades a gestão de “setores de especialização inteligentes”, como indústrias criativas, serviços especializados, economia digital e turismo.

Além disso, dentre os projetos por ela gerenciados, visando o desenvolvimento econômico de Bilbao, com foco no setor criativo, destaca-se atualmente Zorrotzaurre, “a última grande operação de regeneração urbana posta em marcha em Bilbao” (Zorrotzaurre, 2023, tradução nossa). Nesse projeto, o uso da cultura e da criatividade na cidade foi colocado de forma mais ampliada e intensificada do que na fase anterior, consolidando a transformação de Bilbao em uma cidade criativa. Como descreve o texto que apresentou o *Master Plan* de Zorrotzaurre, “Bilbao está entrando em uma nova era. O núcleo da cidade está mudando sua forma para se converter em um centro de um novo tipo de metrópole” (Zorrotzaurre, 2023, tradução nossa). Dessa forma, para além do Guggenheim, Bilbao passará a ter agora uma *isla creativa*, que contém, seja no plano das ideias ou do espaço urbano, relações de conflito e cooperação que disputam qual a concepção da ‘cidade criativa’ que resultará ao final.

4 DO GUGGENHEIM À ISLA CREATIVA

A zona de Zorrotzaurre foi fortemente marcada pela indústria e pela atividade portuária até os anos 1980. A partir daí, começou a entrar em declínio, assim como outras áreas da cidade, e hoje vivem lá apenas cerca de 500 pessoas (Zubero, 2012; Garrido Díez, 2018). Mais da metade do seu território é público (*Gobierno Vasco, Ayuntamiento de Bilbao e Autoridad Portuaria de Bilbao*), sendo a outra metade propriedade de indústrias ou moradores (Vicario Martínez e Rodríguez Alvarez, 2005; Zubero, 2012). Nos anos 2000, a área:

[...] era uma vila, no centro da cidade, em que convivem 500 moradores, com suas preocupações do cotidiano e suas diferentes visões de futuro, com galpões industriais em ruínas com grafite e ao ar livre, e uma vida com a presença da flora e fauna que se abre entre os escombros (Garrido Díez, 2018, p. 05, tradução dos autores).

Figura 02 – Vista panorâmica da parte sul de Zorrotzaurre, a partir de Oleaga.



Fonte: El Mundo, 2014¹¹.

Além disso, entre os moradores havia uma sensação de abandono de décadas por parte do poder público, pela falta de infraestrutura e serviços urbanos, destruição ambiental, falta de manutenção e situações indesejáveis, como a presença de grupos de jovens embriagando-se em espaços públicos e atos de vandalismo (Garrido Díez, 2018). Sendo assim, apesar de sua localização central, Zorrotzaurre configura-se como “um exemplo de periferia urbana, um enclave territorial deixado à margem do conjunto de dinâmicas que tem modificado tão radicalmente a cidade de Bilbao” (Zubero, 2012, p. 67): não tem metrô nem VLT e não aparece assinalado como ponto de interesse nos mapas turísticos da cidade (Zubero, 2012).

O projeto Zorrotzaurre iniciou-se com a articulação de quatro proprietários privados e da *Autoridad Portuaria*, em 2001, que constituíram a *Comisión Gestora para el Desarrollo Urbanístico de Zorrotzaurre*, visando executar o plano de regeneração urbana da área. No ano seguinte, formou-se a *Mesa para el Desarrollo de Zorrotzaurre*, com a participação do *Ayuntamiento de Bilbao*, da *Diputación Foral*, da *Autoridad Portuaria* e da *Comisión Gestora*. A primeira ação desta instância foi contratar um arquiteto de prestígio global para desenvolver um projeto. Na concorrência entre Renzo Piano, Richard Rogers e Zaha Hadid, esta última foi contratada em 2003 para elaborar o *Master Plan de Zorrotzaurre* (Otaola, 2018).

A tramitação desse plano teve um fator diferente dos projetos anteriores: a participação popular, que não foi concedida, mas sim conquistada (Garrido Díez, 2018) e que provocou um longo processo de debate público do projeto, que passou por diversas alterações até a aprovação definitiva (Otaola, 2018), em 2012, tendo sido as obras iniciadas em 2017 (Zorrotzaurre, 2023). Essa participação foi decorrente da mobilização dos moradores de Zorrotzaurre, reunidos em associações¹² que começaram a tomar conhecimento de um novo planejamento urbano para a área; dizia-se que talvez ela fosse até demolida. Os rumores provocaram um clima de apreensão e incerteza e levou à criação de um comitê gestor semipúblico, que propôs o *Foro por un Zorrotzaurre Sostenible* para debater o projeto, entre março e dezembro de 2004 (Zawp, 2023; Garrido Díez, 2018). A primeira reunião contou com a presença de políticos, especialistas, moradores, empresários e um membro da equipe de Zaha Hadid, totalizando cerca de 150 pessoas. As conclusões dessa reunião resultaram em um livro e, se por um lado acreditava-se que um processo de planejamento urbano democrático tinha se iniciado, por outro via-se que a participação dos moradores poderia estar sendo usada como forma de legitimar as políticas governamentais, sem incorporar suas contribuições (Garrido Díez, 2018).

O projeto foi apresentado em outubro de 2004 e ficou exposto no *Museo de Bellas Artes de Bilbao* durante um mês, sendo submetido ao escrutínio público dos políticos e associações de moradores. Constatou-se que apesar da manutenção dos edifícios residenciais existentes, não estavam incluídos parque públicos nem a propalada preocupação ambiental, um ponto central para as associações (Zubero, 2012): “Era um plano 95% convencional. A pequena vila se transformaria em uma cidade de quinze mil pessoas em 2025” (Garrido Díez, 2018, p. 06, tradução nossa). O que as associações almejavam era um projeto que partisse da memória histórica do bairro, de sua identidade industrial e de seus aspectos culturais, e não impusesse uma nova cidade, construída do zero (Zubero, 2012).

O *Foro* continuou, agora com maior engajamento. Uma oficina realizada ao final de 2004 elegeu os cenários desejados pelos participantes: ‘Eco-cidade’ (desenvolvimento com respeito ao meio ambiente) e ‘Zorrotzaurre verde’ (priorizando os espaços verdes e a regeneração ambiental) e ‘Bairro pensado para os pedestres’. Assim, o *Foro* sinalizou no sentido de um modelo de desenvolvimento sustentável e continuou com o papel de negociar com o *Ayuntamiento de Bilbao* e com a *Comisión Gestora*. Em 2007 o projeto revisado foi apresentado por Zaha Hadid, no qual se verificou a incorporação de algumas ideias do *Foro*, como “plano de reabilitação de moradias, mais espaços verdes e uma área sem carro e pedonalização da rodovia da *ría*” (Garrido Díez, 2018, p. 06). Ainda assim, foram frequentes as diversas críticas de especialistas e cidadãos ao *Master Plan*, pela ausência de debate público, culminando com contestações judiciais ao projeto, impetradas em 2010, mas que não impediram a sua posterior aprovação (Garrido Díez, 2018).

Por parte da gestão pública municipal, o entendimento era de que na estrutura administrativa do *Ayuntamiento de Bilbao*, não era possível tratar o *Foro por un Zorrotzaurre Sostenible* e as outras associações como instâncias deliberativas, pois eles já estariam sendo representados pelos políticos eleitos. Isso ficou evidente na fala do *Alcaide* de Bilbao em 2008: “eles [os representantes dos partidos e associações no Foro dos distritos] são os autênticos representantes dos distritos [...] E ponto. Estas outras pessoas [...], claro, fazem oposição ao *Ayuntamiento*, e eu não vou aceitar” (Trigueros *apud* Zubero, 2012, p. 74, tradução nossa).

Em resumo, se o *Master Plan* focou em inovação, aumento de densidade e visão de futuro (Zorrotzaurre, 2023), os moradores desejavam identidade, participação e sustentabilidade (Zubero, 2012). Apesar da pouca disposição em considerar o *Foro por un Zorrotzaurre Sostenible* como uma instância de deliberação legítima, a partir da mobilização social foram conseguidas algumas mudanças no projeto: manutenção e reabilitação de moradias, com financiamento público; redução do tráfego inicial proposto no plano, com criação de zonas sem carros e mais espaços verdes; inserção da Plataforma *Pasarela*, em 2016, que possibilitou a conexão de pedestres e bicicletas com o restante de Bilbao, que não tinha sido prevista anteriormente; atendimento a

aspectos de sustentabilidade; surgimento de iniciativas locais de geração de emprego e renda; criação de novos espaços que impactam na imagem da cidade; estabelecimento de diálogo e cooperação entre moradores e a *Comisión Gestora del Master Plan*, bem como com especialistas e universidades; e conscientização sobre a participação cidadã, o que fortaleceu os laços comunitários (Garrido Díez, 2018).

Mesmo após aprovação do *Master Plan*, o movimento social continua ativo, por meio do coletivo Zawp (*Zorrotzaurre Art Work in Progress*), criado em 2008, derivado da *Asociación Cultural Hacería*, que se instalou em Zorrotzaurre em 1998, quando recuperou um galpão industrial onde passou a desenvolver atividades de teatro, música e dança (Zorrotzaurre..., 2019). Zawp se define como movimento social e cultural que busca propor outros caminhos ao processo de regeneração urbana que vem sendo implementado, constituindo uma zona criativa “off Bilbao”, composta por oficinas de arte, cultura, tecnologia e inovação (Zawp, 2023). Essa efervescência criativa fez com a área fosse escolhida pelo *Gobierno Vasco* para desenvolvimento da *Red de Experiencias Creativas*, que prevê espaços onde a classe criativa pode desenvolver seus projetos (Zubero, 2012), chamadas de *Auzo Factorys* (Bilbao Ekintza, 2023).

Uma das medidas de maior impacto e fundamentais para o Projeto Zorrotzaurre, e também o ponto inicial de disputa entre a população e a *Comisión Gestora del Master Plan*, foi a abertura do Canal de Deusto e a transformação da península em uma ilha. Essa obra tinha sido iniciada nos anos 1950 e inaugurada em 1968, sem ter sido concluída, em função da dificuldade em sua execução e pela inundação dos solos lindeiros. O objetivo foi construir novas docas e facilitar a navegação dos barcos maiores, que tinham dificuldade em fazer a curva de Olabeaga; o canal representou, no passado, um incremento às atividades industriais e portuárias de Zorrotzaurre (Otaola, 2018; Zubero, 2012). No novo projeto, a justificativa para a finalização da abertura do canal foi embasada por vários estudos que confirmaram sua necessidade para minimizar o risco de inundações na cidade (Otaola, 2018; Zorrotzaurre, 2023).

Entretanto, para além de uma decisão técnica, acredita-se que a mudança da configuração de península para ilha é também imagética: ela sinaliza e enfatiza a existência de uma nova configuração urbana. A forma ‘ilha’ é reforçada e aproveitada em diversos aspectos: transformar as margens em passeios públicos; estimular o uso público do canal, com áreas verdes, de lazer e esporte; criar as visuais para o canal e para o rio, com o alinhamento dos edifícios em linhas perpendiculares às margens (Otaola, 2018). Ainda no campo simbólico, verifica-se o uso do nome Zorrotzaurre em *euskera*, a fim de mobilizar sentimentos ligados à identidade bilbaína, um dos elementos a serem manipulados na cidade criativa.

Figura 03 – Imagem aérea de Zorrotzaurre, em 2005, ainda península, logo após a desativação do porto.



Fonte: Otaola, 2018¹³.

Fig. 04 – Imagem final do *Master Plan* de Zorrotzaurre

Fonte: Zorrotzaurre, 2023¹⁴.

Três atributos foram associados ao projeto da ilha: sustentabilidade ambiental e preservação do meio ambiente; inovação, relacionada a atração de empresas de setores estratégicos para a área se tornar um centro de conhecimento e negócios; conhecimento, tornando-se referência na educação superior (*Bilbao Ekintza*, 2023). Ademais, o Projeto Zorrotzaurre possibilita a continuidade das margens da Ría de Abandoibarra, articulando moradia, comércio, equipamentos sociais e culturais e espaços de lazer, voltados aos habitantes da região metropolitana de Bilbao, constituindo uma nova tipologia urbana (Zorrotzaurre, 2023).

Para a equipe que desenvolveu o *Master Plan*, a região de Zorrotzaurre articula três tendências atuais do processo urbano: a presença de indústrias criativas e do conhecimento; a existência de espaços de lazer e culturais; e a adaptabilidade das cidades de tamanho médio (Garrido e Alcock, 2004 *apud* Zubero, 2012). O texto introdutório que *apresentou* o plano fala que:

A regeneração de Zorrotzaurre representa um projeto integral e equilibrado, definido sob critérios de sustentabilidade, que recupera um espaço atualmente degradado para convertê-lo num bairro novo de Bilbao, bem conectado com o resto da cidade, dotado de moradias de preço acessíveis, áreas de implantação empresarial não poluidora, diversos equipamentos sociais e culturais assim como amplia as áreas para o uso dos cidadãos (Zorrotzaurre, 2023).

A descrição do *Master Plan* estrutura-se em sete tópicos (Bilbao Ekintza, 2023; Zorrotzaurre, 2023):

- **Integração:** respeito à conexão histórica com bairros vizinhos, como San Ignazio, Sarriko, Olabeaga, que deverá ser recuperada, buscando criar uma cidade integrada;
- **Malha urbana:** serão construídos edifícios verticais, alternados com vazios urbanos, junto à margem de rio; nas duas extremidades da ilha, um circuito viário e três novas pontes farão a ligação com os bairros limítrofes de Deusto, San Inacio e Zorrotza (ponte móvel), além de uma conexão para o VLT;
- **Novos distritos urbanos:** a região será dividida em três distritos: Sul, Centro e Norte, com diferentes usos e densidades. Cabe destacar o distrito sul, mais próximo a Abandoibarra, que abrigará um parque tecnológico, com instituições e empresas ligadas à economia do conhecimento, havendo expectativa de criação de seis mil postos de trabalho; esses distritos, por sua vez, serão distribuídos em nove bairros;
- **Espaços públicos:** distribuem-se em três eixos: dois ao longo das margens do rio/canal e um parque linear na parte central da ilha, ofertando vistas e uma rede de passeios públicos, integrando as moradias, os escritórios e os parques das margens do rio. Essa parte central permitirá a integração entre os distritos, com largas calçadas, uma linha do VLT e ciclovia, que ligará os diferentes bairros e estes com o restante da cidade;
- **Articulação dos diferentes planos:** o ponto central do Plano de Zorrotzaurre é um sistema de edifícios que articula os diferentes planos e escalas dos edifícios (dimensão vertical), com os terrenos comuns (nível da *ría*) e uso de estacionamentos subterrâneos (nível inferior). A trama de ruas muda conforma a curva da ilha. Os diferentes níveis permitem a relação das pessoas com as margens do

rio e do canal, ao mesmo tempo que garantem a separação entre espaço público e áreas mais privadas;

- **Habitação:** cada margem tem uma abordagem diferente em relação à moradia: ao longo da margem do Rio Nérvion, mantem-se diversos edifícios históricos e ruas de pequena escala, enquanto a borda do Canal de Deusto prevê um desenho mais recortado, com lagoas, molhes e escadas para a água, de modo a estreitar a relação com a água, inclusive para esportes aquáticos. Estão previstas mais de cinco mil moradias;
- **Preservação de edifícios históricos:** devem ser preservados edifícios históricos que marcam as diversas etapas de Zorrotzaurre, aos quais serão atribuídos novos usos. Assim, está previsto a preservação de 19 edifícios de destaque, de modo a manter a memória industrial e portuária, uma vez que se considera que a margem histórica é um importante ativo para a identidade local. Um núcleo antigo será preservado, no entorno da Iglesia de San Pablo, criando-se uma zona especial.

A análise do *Master Plan* de Zorrotzaurre permitiu verificar que o projeto busca se alinhar ao conceito de cidade criativa (Unesco, 2021; Landry, 2012), ao colocar a cultura e a criatividade como forças do desenvolvimento urbano, social e econômico, pensando na integração entre espaços novos e antigos da cidade, inclusive com a preservação de edifícios históricos; na mobilidade e sustentabilidade urbana, com presença de transporte público, ciclovias e pedonalização; na criação de espaços para o desenvolvimento das indústrias criativas, como o distrito do conhecimento; na valorização dos espaços públicos e da vida em comunidade, usando a relação com o rio; e, por fim, na articulação entre uso residencial, lazer e negócios, representado no slogan: “uma ilha para viver, trabalhar e desfrutar” (Zorrotzaurre, 2023, tradução nossa).

Contudo, observam-se paradoxos: Zorrotzaurre abriga diversas iniciativas culturais, algumas provenientes de recurso privado e outras fomentadas com incentivos públicos, que vieram ao longo do tempo aproveitando galpões industriais desativados para se instalarem, usando também as ruas e colocando grafite nos muros (Zubero, 2012). Além do citado projeto Zawp, há o *Espacio Open*, com projetos que visam a transformação social e a organização de uma feira semanal; o *Pabellón 6*, um coletivo teatral, e projetos de circo (*Karola Zirko* e *Zirkozaurre*); o *Gure Ttxoko Skatepark*, do qual fazem parte cerca de quinhentos skatistas; *Piugaz*, espaço com paredes de escalada e treinamentos para crianças, jovens e adultos (Zorrotzaurre, 2023); e *Edidabe*, uma empresa de produção e gestão cultural. Essas iniciativas vêm sendo apropriadas pela *Comisión Gestora Zorrotzaurre* como um ativo criativo a ser comercializado. No sítio da internet do Projeto Zorrotzaurre, há uma aba intitulada *Isla Creativa* com uma lista dessas iniciativas culturais independentes, com *links* contendo informações sobre cada uma delas. Ademais, há um vídeo promocional no qual se assiste cenas da ‘Zorrotzaurre criativa’, enquanto é dito que: “Esse processo inovador se converteu em uma das chaves da identidade de Zorrotzaurre, a ilha criativa: a imaginação, a cultura e o lazer alternativo encontram um espaço natural onde pode ser desfrutado” (Zorrotzaurre..., 2019, tradução nossa).

Contudo, os gestores dessas iniciativas culturais e os moradores apontam que vem havendo um processo gradual de gentrificação: por um lado, a rigidez normativa tem dificultado a permanência dos criativos independentes no local; por outro, a região está sendo ocupada por equipamentos culturais subsidiados pelo poder público (Garrido Díez, 2018). Ademais, reclamam da perda de identidade do lugar, pela imposição de novos integrantes com outros hábitos e práticas sociais e criticam a denominação *isla creativa*, para eles apenas um termo mercadológico, já que “é melhor falar de ilha criativa do que especulação do solo” (membro de iniciativa cultural de Zorrotzaurre, *apud* Garrido Díez, 2018, p. 11). Assim, paradoxalmente, a ‘cidade criativa viva’, concreta, pulsante, ao invés de ocupar um lugar central no planejamento urbano, como propugnado pela Unesco (2021), está sendo moldada, a serviço do capital e se convertendo em um *slogan*. Entretanto, em contraposição, a vida urbana se desenvolve a partir de uma lógica própria:

Em nossas cidades surgem continuamente práticas, ações e comportamentos que, à margem dos usos tradicionais do espaço e sem respeitar as regras estabelecidas para o uso dos recursos espaciais urbanos, propõe novas formas de se relacionar com o território, de aproveitar o recurso ‘cidade’. [...] Desse modo sutil, mas apoiado firmemente no concreto e no cotidiano, colocam em questão não apenas os códigos e normas, mas também os usos e costumes, derivados de um modo de entender o território” (Cottino, 2005, p. 104, tradução dos autores).

Analisando-se o processo relacionado à implantação da *isla creativa*, vê-se que “Zorrotzaurre já é, com suas insurgências urbanas e suas emergências culturais, uma ‘cidade imprevista’ ” (Zubero, 2012, p. 77, tradução nossa). Some-se a isso o fato de que o conceito de cidade criativa traz possibilidades de construção de algo diferente: valorizar a criatividade pressupõe a necessidade de fortalecê-la, de se estabelecer novas formas de governança, nas quais a participação das comunidades diretamente envolvidas é fundamental (Landry, 2012; Unesco, 2021; Zubero, 2012). Ademais, a criatividade urbana, dada sua própria natureza, opera de um modo próprio: “[...] se alimenta da serendipidade, [...] das associações inéditas e dos encontros fortuitos [...]”

(Vivant, 2012, p. 83-84). Serendipidade significa descobrir novas coisas ao acaso, ou criar, sem intenção deliberada, novas soluções ou formas de fazer (Vivant, 2012). Assim, “[...] a criatividade não se planeja nem se programa [...], ela nasce do atrito entre alteridade e encontros imprevistos” (Vivant, 2012, p. 87).

Portanto, o conceito de cidade criativa, se até o momento vem sendo utilizado numa perspectiva mercadológica de cidade, traz em si a possibilidade de um entendimento diferente. Nesse contexto, “Zorrotzaurre é o laboratório onde serão levados a cabo os experimentos para determinar o rumo da Grande Bilbao, depois da época do efeito Guggenheim” (Garrido Díez, 2018, p. 13, tradução nossa). Ao fim, permitirá que se observe o triunfo do empresariamento urbano ou a persistência da cidade criativa viva, salva pela serendipidade e imprevisibilidade urbanas.

5 CONCLUSÃO

O uso da criatividade, presente desde o *Plan Estratégico para la Revitalización del Bilbao Metropolitano* (1992), foi se intensificando, até chegar ao *Master Plan Zorrotzaurre* (2012), em que ele passou a ser estruturante, chegando a nomear o espaço criado como *Isla Creativa*. Para além dos setores artísticos, agora os setores criativos são trazidos à baila, para criar uma ‘cidade do conhecimento e da inovação’. Desse modo, verifica-se que Bilbao caminha para um novo momento de regeneração urbana, alinhado ao conceito de cidade criativa. Apesar da concepção do Projeto Zorrotzaurre ser anterior ao ingresso de Bilbao na Rede de Cidade Criativas da Unesco, tem-se a compreensão de que ambas configuram diferentes estratégias, que se articulam e se complementam, visando o posicionamento global da cidade e seu alinhamento à nova era da economia do conhecimento.

Mas se por um lado o empresariamento urbano tem se mostrado nefasto ao exercício do pleno direito à cidade, ele traz em si um elemento que pode colocar esse modelo em cheque: o envolvimento comunitário. Por isso, apesar de um processo marcado pela apropriação de valores locais intangíveis da cidade pelo mercado, identificam-se os pontos de conflito emergidos da própria dinâmica urbana. Portanto, ao que parece, o futuro de Bilbao ainda está em disputa, e ainda que a força do capital pareça ser mais forte, não se deve menosprezar a ‘cidade criativa viva’ que pulsa no contexto urbano, se alimentando da serendipidade e imprevisibilidade urbanas e que irão ser um elemento fundamental para que esse novo momento de regeneração urbana se configure como ‘efeito *isla creativa*’.

Entende-se que, assim como ocorreu na implantação do conceito de cidade criativa em Bilbao, realizado pelo poder público em associação com a iniciativa privada, a qual se seguiu a reação dos grupos e sujeitos criativos, processos similares parecem estar ocorrendo em outras cidades (Duxbury et. al., 2012; Grodach, 2017; Pratt, 2017). Sendo assim, essa aplicação do conceito não vem ocorrendo de forma pacífica e o discurso de cidade criativa não consegue se impor de forma homogênea, havendo embates entre os agentes urbanos (notadamente entre o Estado e os grupos de artistas e cidadãos) (Carrascal et. al., 2019; Duxbury et. al., 2012; Grodach, 2017; Miles, 2012). Essas tensões surgem do confronto entre a cidade criativa ideal, planejada em parcerias público-privadas, que preveem grandes projetos com vultuosos gastos; e a cidade criativa espontânea, constituída pelas ações cotidianas dos grupos e sujeitos criativos urbanos, muitas vezes alinhadas a ações anti-hegemônicas do processo de produção urbano, relacionadas ao direito à cidade (Barreto, 2018; Fernandes, 2006; Miles, 2012). Por isso, há o potencial de desenvolvimento de outra proposta de cidade criativa, que, mesmo não sendo completamente oposta aos modelos de desenvolvimento urbano neoliberal, reconheça essas tensões sociais, incorporando de forma efetiva os movimentos sociais, em especial dos grupos e sujeitos que desenvolvem atividades criativas (Duxbury et. al., 2012; Matovic; Del Valle, 2020; Miles, 2012; Segovia; Hervé, 2022). Dessa forma, faz-se possível o desenvolvimento de outra versão de cidade criativa, em que, paralelamente aos grandes projetos de arquitetura e urbanismo, tenham também lugar o apoio e a valorização das microações cotidianas dos sujeitos e grupos criativos, relacionados à serendipidade urbana.

6 REFERÊNCIAS

ARANTES, O. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. Em: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11–74.

BARRETO, L. M. Quando o prédio vira torre, o comércio virou *mall*, a cidade virou criativa. *Revista Ecológica*, São Paulo, n. 20, jan-abr, pp. 02-36., 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/38924>. Acesso em 27 mai. 2024.

BIKKAIA, B. *La UNESCO integra a Bilbao en su Red de Ciudades Creativas*. 2014. Disponível em: <https://info.beaz.bizkaia.eus/2014/12/unesco-designa-a-bilbao-ciudad-del-diseno/>. Acesso em 10 ago. 2023.

- BILBAO Ekintza. *Conócemos*. Disponível em <https://www.bilbaoekintza.eus/conocenos>. Acesso em 25 jul. 2023.
- BILBAO Lan Ekintza. *Estudio sobre el potencial de las industrias creativas en Bilbao*. Bilbao Lan Ekintza, 2009.
- BILBAO Metropoli-30. *Plan estratégico para la revitalización del Bilbao Metropolitano*. Bilbao Metropoli-30, 1992.
- BILBAO Metropoli-30. *Bilbao 2010 - Reflexión estratégica*. Bring your dreams to Bilbao. Bilbao Metropoli-30, 1999.
- BILBAO Metropoli-30. *Bilbao 2010 - La estrategia*. Bilbao: Bilbao Metropoli-30, 2001.
- BILBAO Metropoli-30. *Ahora las personas*. Bilbao: Bilbao Metropoli-30, 2005.
- BILBAO Metropoli-30. *Bilbao Metropolitano 2030*. Bilbao: Bilbao Metropoli-30, 2011.
- BILBAO Metropoli-30. *Bilbao Metropolitano 2035: reflexión estratégica*. Bilbao: Bilbao Metropoli-30, 2016.
- BILBAO Metropoli-30. *Bilbao/Bizkaia - A place of ambition*. Bilbao: Bilbao Metropoli-30/ Bizkaia Diputación Foral, 2018.
- BILBAO Metropoli-30. *Bilbao Metropolitano 2035: reflexión estratégica y análisis de escenarios*. Bilbao Metropoli-30, 2019.
- BILBAO Metropoli-30. *Fines y objetivos*. Bilbao Metropoli-30, 2023.
- BILBAO Ría 2000. *¿Qué es BILBAO Ría 2000?* Disponível em: <https://www.bilbaoria2000.org/bilbao-ria-2000/que-es-bilbao-ria-2000/2023>. Acesso em 10 ago. 2023.
- BONATES, M. F. F. "El Guggenheim y mucho más" urbanismo monumental y arquitectura de grife en Bilbao. *PosFAUUSP*, [S. l.], n. 26, p. 62-90, 2009. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i26p62-90. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43640>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- CARRASCAL, M.; SENDRA, P.; ALANÍS, A.; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, P.; GUAJARDO-FAJARDO, A.; GARCÍA VÁZQUEZ, C. "Laboratorio Q", Seville: creative production of collective spaces before and after austerity. *Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability*, 12:1, 60-82. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17549175.2018.1515786>. Acesso em 15 jan. 2024.
- CITIES of Design Network. *Bilbao – Unesco City of Design*. 2014. Disponível em: <https://www.designcities.net/city/bilbao/>. 15 jun. 2023.
- COUTO, B. G. Cidades criativas e a agenda internacional das políticas turístico-culturais de renovação urbana. *Cadernos Metrópole*, v. 25, n. 57, p. 397–418, jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/Tst8SRMfHb5Kg7648h5Q5KR/>. Acesso em 08 jun. 2023.
- COTTINO. *A cidade imprevista: el disentimiento em el uso del espacio urbano*. Barcelons: Edicions Bellaterra, 2005.
- DUXBURY, N.; FORTUNA, C.; JOSÉ ANTONIO BANDEIRINHA, J. A.; PEIXOTO, P. Em torno da cidade criativa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 99, p. 05–08, 1 dez. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5089>. Acesso em 08 jun. 2023.
- GARRIDO DÍEZ, A. Al participar se hace ciudad en el entretanto. Urbanismo emergente en Bilbao. *Cuadernos de Vivienda y Urbanismo*, [S. l.], v. 11, n. 22, 2018. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cvyu/article/view/22110>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- GRODACH, C. Urban cultural policy and creative city making. *Cities*, v. 68, p. 82–91, 1 ago. 2017. Disponível em: <https://research.monash.edu/en/publications/urban-cultural-policy-and-creative-city-making>. Acesso em 08 jun. 2023.
- FERNANDES, A. Cidades e cultura: rompimento e promessa. Em: JEUDY, H. P. J.; JACQUES, P. B. (Eds.). *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento. *Espaço e Debates*, v. 39, p. 48–64, 1996.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- HOWKINS, J. *The creative economy: how people make money from ideas*. London: Allen Lane, 2001.
- LANDRY, C.; BIANCHINI, F. *The creative city*. London: Demos, 1995.
- LANDRY, Charles. *Índice de creatividad en Bilbao & Bizkaia*. Bilbao: Bilbao Ekintza/BilbaoMetropoli-30, 2010. Disponível em: <https://www.bm30.eus/comunicaciones/indice-creatividad-bilbao-bizkaia/>. Acesso em 25 jul. 2023.
- MARTÍN MORATO, M.; GOMEZ DE LA IGLESIA, R. Projetos e Processos emblemáticos: o caso de Bilbao. In: REIS, A. C. F. *Cidades criativas, soluções inventivas: o papel da copa, das olimpíadas e dos museus internacionais*. São Paulo: Garimpo de Soluções; Recife: FUNDARPE, 2010.
- MATOVIC, M.; DEL VALLE, R. S. S. On the creative city concept. *Journal of Cultural Management and Cultural Policy*, 2020/1. Disponível em: https://jcmcp.org/wp-content/uploads/2021/05/JCMCP-2020-1_On-the-creative-city-concept.pdf. Acesso em 17 jan. 2024.
- MILES, M. Uma cidade pós-criativa? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 99, p. 09–30, 1 dez. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5091>. Acesso em: 08 jun. 2023.

- MINISTÉRIO DA CULTURA (MINC). *Plano da Secretaria de Economia Criativa*. Brasília: MINC, 2012.
- MINISTERIO de Asuntos Exteriores, Unión Europea y Cooperación, 2023. *Ciudades creativas*. Disponível em: <https://www.exteriores.gob.es/RepresentacionesPermanentes/unesco/es/UNESCO%20en%20Espana/Paginas/Inscripciones%20UNESCO/Ciudades-creativas.aspx>
- OTAOLA, P. Zorrotzaurre, la segunda fase de la transformación de Bilbao. *Portus online*. 17 jan.2018. Disponível em: <https://portusonline.org/zorrotzaurre-la-segunda-fase-de-la-transformacion-de-bilbao/>. Acesso em 10 ago. 2023.
- PECK, J. Struggling with the Creative Class. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 29, p. 740–770, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2427.2005.00620.x>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- PORTAL Oficial de Turismo da Espanha. Biscaia (província). Disponível em: https://www.spain.info/pt_BR/regiao/viscaia-biscaia-provincia/. Acesso em 16 ago. 2023.
- PRATT, A. C. New horizons for culture, creativity and cities. *City, Culture and Society*, v. 8, p. 1–2, 1 mar. 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1877916617300048>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- REIS, A. C. F. *Cidades criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo*. Tese—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08042013-091615/pt-br.php>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- SEGOVIA, C.; HERVÉ, J. The creative city approach: origins, construction and prospects in a scenario of transition. *City, Territory and Architecture*, n. 9, artigo número 29, 2022. Disponível em: <https://cityterritoryarchitecture.springeropen.com/articles/10.1186/s40410-022-00178-x>. Acesso em 15 jun. 2023.
- SCOTT, A. J. Beyond the Creative City: Cognitive–Cultural Capitalism and the New Urbanism. *Regional Studies*, v. 48, n. 4, p. 565–578, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263749052_Beyond_the_Creative_City_Cognitive-Cultural_Capitalism_and_the_New_Urbanism. Acesso em: 15 jun. 2023.
- UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). *Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento*. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf. Acesso em 08 out.2022.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *Mission Statement*. In: Creative Cities Network. Unesco, 2004. Disponível em: https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/fichiers/2023/03/UCCN%20Mission%20Statement_rev2023.pdf. Acesso em 19 nov. 2021.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Bilbao. In: *Creative Cities Network*. Unesco, 2014. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/bilbao>. Acesso em 21 ago. 2023.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO) /Mundial Bank. *Cities, culture e creativity: Leveraging culture and creativity for sustainable urban development and inclusive growth*. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: <https://creativeeconomy.britishcouncil.org/media/resources/Cities-Culture-Creativity-Leveraging-Culture-and-Creativity.pdf>. Acesso em 19 nov. 2021.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). About us. In: Creative Cities Network. Unesco, 2023. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/content/about-us> . Acesso em 21 ago. 2023.
- VICARIO MARTÍNEZ, L.; RODRÍGUEZ ALVAREZ, A. Innovación, Competitividad y Regeneración Urbanos espacios retóricos de la "ciudad creativa" en el nuevo Bilbao. *Ekonomiaz: Revista Vasca de Economía*.Nº. 58, 2005, págs. 262-295. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2008997>. Acesso em 25 jul. 2023.
- VIVANT, E. *O que é uma cidade criativa?* São Paulo: SENAC SP, 2012.
- ZORROTZAURRE ART IN PROGRESS (ZAWP). ¿Que és Zawp? Disponível em: <https://www.zawp.org/>. Acesso em 20 ago. 2023.
- ZHUJIMUNDO. *Bilbau*, Espanha — estatísticas. Disponível em <https://pt.zhujiworld.com/es/1717257-bilbao/>. Acesso em 20 ago. 2023.
- ZORROTZAURRE, Isla Creativa. Comisión Gestora Zorrotzaurre. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qi2Qy9LI18M&t=98s>. Acesso em 10 ago. 2023.
- ZORROTZAURRE. *Zorrotzaurre: una Isla para vivir, trabajar y disfrutar*. Disponível em: <https://www.zorrotzaurre.com/>. Acesso em 10 ago. 2023.
- ZUBERO, I. “Primero tomaremos Manhattan”: regeneración urbana, insurgencias ciudadanas y emergencias culturales en Zorrotzaurre (Bilbao). *Urban*, nº, 03, p. 65-80. Disponível em: <http://polired.upm.es/index.php/urban/article/view/1808>. Acesso em 23 ago. 2023.

NOTAS

- ¹ As *rías* são um braço de mar que, como um vale, adentra na costa, sendo inundável pela elevação do nível do mar (Reis, 2011).
- ² Conceito ainda em formação, que pressupõe a existência de bens e serviços que tenham como impulso gerador a criatividade e que esse impulso seja determinante de seu valor. social. Abrange setores econômicos diversos, como o patrimônio cultural e o design (as indústrias culturais), e aqueles que dão suporte a essas atividades. (Howkins, 2011; Minc, 2012; Unctad, 2010).
- ³ Optou-se pelo uso do nome em euskera (idioma basco), Zorrotzaurre (com T), pois foi o adotado pelo poder público, intencionalmente.
- ⁴ A Espanha é organizada administrativamente em 17 comunidades autônomas e duas cidades autônomas, lideradas por um governo nacional. Por sua vez, as comunidades são divididas em províncias, e cada cidade administrada por um “ayuntamiento”. Bilbao está na Comunidade Autónoma do País Basco, Província de Biskaia (Portal ..., 2023).
- ⁵ Optou-se pelo uso do termo regeneração urbana, adotado pelos planos urbanos documentos institucionais.
- ⁶ Disponível em: https://www.bilbao.eus/cs/Satellite?c=BIO_Noticia_FA&cid=1279181289514&language=en&pageid=1272996820529&pagename=Bilbaonet%2FBIO_Noticia_FA%2FBIO_Noticia/. Acesso em 28 ago. 2023.
- ⁷ A importância da classe criativa para o desenvolvimento urbano das cidades foi evidenciado por Richard Florida (2002), ao desenvolver a teoria dos três T's (talento, tolerância e tecnologia), uma metodologia para medir a criatividade urbana.
- ⁸ A frase está grafada desse modo, mesclando inglês e espanhol, o que revela o caráter de internacionalização desse novo momento do plano estratégico de Bilbao. Pode ser traduzido como “Traga seus sonhos para Bilbao. Podemos fazê-lo virar realidade”.
- ⁹ As demais linhas estratégicas são: Fomento ao dinamismo cultural; criação de um observatório permanente das indústrias criativas; formação, tanto específica (técnica e artística) e generalista (gestão e planejamento empresarial); desenvolvimento de programas e instrumentos de apoio às empresas criativas; participação em redes de colaboração do setor criativo.
- ¹⁰ Caracteriza-se por: regime de trabalho mais flexível, mudança das unidades fabris para regiões que sejam mais atrativas ao capital; modo de produção de mercadorias tipo *just in time*; desregulamentação do mercado financeiro (Harvey, 2002).
- ¹¹ Disponível em: <https://www.elmundo.es/pais-vasco/2014/05/08/536b8bfeca4741fd558b4577.html>. Acesso em 23 ago. 2023.
- ¹² As associações envolvidas são: Proyecto ZAWP (Zorrozaurre Art Working Progress), Asociación de Vecinos Euskaldunako Zubia, e Asociación Vecinal El Canal (que reúne moradores dos bairros vizinhos de Sarriko, Elorrieta y San Ignacio).
- ¹³ Disponível em: <https://portusonline.org/zorrotzaurre-la-segunda-fase-de-la-transformacion-de-bilbao/>. Acesso em 22 ago. 2023.
- ¹⁴ Disponível em: <https://www.zorrotzaurre.com/>. Acesso em 22 ago. 2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.